

SÃO FRANCISCO DE ASSIS COMO “ALTER CHRISTUS” PELA IMITAÇÃO DE CRISTO: FONTES E INTERPRETAÇÃO

Saint Francis of Assisi as “Alter Christus” by the Imitation of Christ: Sources and Interpretation

Felipe de Azevedo Ramos, EP¹

Resumo

O presente artigo estabelece um paralelo entre a vida de Cristo e a vida de São Francisco de Assis, no contexto da *imitatio Christi*, ou seja, na mútua conformidade entre eles, sob o prisma da interpretação espiritual e alegórica das Sagradas Escrituras, a exemplo do *Poverello* de Assis. Para tanto, serão examinadas suas fontes biográficas primitivas, nas quais os hagiógrafos utilizavam com frequência passagens bíblicas numa chave espiritual e alegórica, aplicando-as à vida de seu Fundador.

Palavras-chave: Francisco de Assis, *alter Christus*, *imitatio Christi*, interpretação espiritual das Escrituras, alegoria.

Abstract

This article establishes a parallel between the life of Christ and the life of St. Francis of Assisi, in the context of *imitatio Christi*, namely in their mutual conformity, from the perspective of the spiritual and allegorical interpretation of Sacred Scripture, after the example of the *Poverello* of Assisi. To this purpose his primitive biographical sources will be examined, in which the hagiographers made frequent use of biblical passages on a spiritual and allegorical plane, applying them to the life of their Founder.

Keywords: Francis of Assisi, *alter Christus*, *imitatio Christi*, spiritual interpretation of Scripture, allegory.

1) Doutor em Filosofia pela Pontificia Università San Tommaso d’Aquino (Angelicum, Roma) e professor no IFAT.

N.B. O original latino das obras da literatura primária (escritos e biografias de São Francisco de Assis) e a sua respectiva numeração (=FF) são tomados de: MENESTÒ, Enrico; BRUFANI, Stefano (ed.). *Fontes Franciscani*. Assisi: Porziuncola, 1995 ou, em certos casos, da tradução italiana atualizada (3a. ed.): PAOLAZZI, Carlo (org.). *Fonti Francescane*. Padova: Francescane, 2011 (=FF1). As traduções portuguesas, salvo indicação contrária, são extraídas de: TEIXEIRA, Celso Márcio (org.). *Fontes franciscanas e clarianas*. Petrópolis: Vozes, 2014.

Introdução

Para o bom observador é fácil perceber o quanto os homens em sua inter-relação se influenciam mutuamente. Notamos, por exemplo, a similitude de gestos entre dois amigos, o modo de agir semelhante entre pais e filhos, ou mesmo como um músico iniciante mimetiza seu mestre na inspiração para realizar uma peça de um concerto. Tudo isso ocorre pela simples imitação.

A filosofia aristotélica nos ensina que, de fato, “imitar é um instinto comum a todos os homens” e que o homem é o mais imitador de todos os animais.² Uma criança, por exemplo, emula os pais para exercitar as funções mais básicas da existência humana (como a alimentação), bem como outras mais sofisticadas, como a linguagem e o relacionamento afetivo. Além disso, como sabemos, o exercício de toda e qualquer arte ou ofício depende, como é natural, em grande parte da imitação. Como é óbvio, a educação joga aqui um papel fundamental.

Pois bem, esse natural mimetismo vincado em nossa humanidade não se reduz ao âmbito puramente físico. Pela Revelação sabemos que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus (*imago Dei*: Gn 1,26-27). Contudo, essa primeira efígie foi maculada pelo pecado original, criando uma inexorável ruptura da ordem primeva estabelecida *ab initio* entre o Criador e a criatura. A Redenção, por sua vez, resgatou nossa natureza decaída, reaproximando-nos do Criador, como o efeito que se realiza naturalmente na conformação com a Causa.

Ora, essa reconciliação com o plano divino ocorre certamente através da união com Aquele que é o Arquimodelo de vida, ou seja, por meio do próprio Verbo de Deus humanado, Jesus Cristo, sobretudo através de um relacionamento pessoal com Ele à maneira de imitação (*imitatio Christi*). A leitura, a oração, a meditação e a pregação da Palavra de Deus nos oferecem, sem dúvida, um meio direto de contato com Nosso Senhor como exemplo a ser seguido (*sequela Christi*). Entretanto, o nosso vínculo com Ele pode ser ainda mais aperfeiçoado se nos espelhamos nos exemplos daqueles que refletiram o ideal evangélico em suas próprias vidas. De fato, conforme comenta Bento XVI: “Hans Urs von Balthasar escrevia que *os santos constituem o comentário mais importante ao Evangelho*, uma atualização sua na vida quotidiana e, por conseguinte, representam para nós um verdadeiro caminho de acesso a

2) Cf. ARISTÓTELES. *Poética*, IV (1448b5-8).

Jesus”.³ Nessa direção glosa o Pe. Antônio Vieira: “Ter o nome de pregador, ou ser pregador de nome, não importa nada: as ações, a vida, o exemplo, as obras, são as que convertem o mundo. O melhor conceito, que o pregador leva ao púlpito, qual cuidais que é? É o conceito que de sua vida têm os ouvintes”.⁴

É nesse âmbito que se estabelecerá a seguir um paralelo entre a vida de Cristo e a vida de São Francisco de Assis, no contexto da *imitatio Christi*, ou seja, na mútua conformidade entre ele e o Redentor, sob inspiração da interpretação espiritual e alegórica das Sagradas Escrituras, conforme o exemplo do Santo.

Vale observar de antemão que o conceito de *imitatio Christi* — ou ainda, em particular, de *imitatio sanctorum* — está presente com frequência na Bíblia, sobretudo nos escritos paulinos. Apenas para citar alguns exemplos, destacamos: “Tornai-vos, pois, imitadores de Deus, como filhos amados” (Ef 5,1); “vós vos tornastes imitadores nossos e do Senhor, acolhendo a Palavra com a alegria do Espírito Santo, apesar das numerosas tribulações” (I Ts 1,6); “sede meus imitadores, irmãos, e observai os que andam segundo o modelo que tendes em nós” (Fl 3,17); “bem sabeis como deveis imitar-nos” (II Ts 3,7); “exorto-vos, portanto: sede meus imitadores” (I Cor 4,16).

Neste contexto, é impossível olvidar a célebre frase de São Cipriano: “*christianus alter Christus*”, mas também aquela da Epístola de São Paulo aos Romanos (13,7): “A reverência a quem é devida; a honra a quem é devida”. Por um ato de justiça, pois, a interpretação espiritual sob inspiração da vida dos santos, unida à devoção e louvor, auxilia o fiel a crescer no vínculo com o Redentor.

Muito já se debateu acerca do tema da *imitatio Christi* na vida de São Francisco. Contudo, com frequência desligado deste tipo de interpretação espiritual e de uma hipotética *imitatio Francisci*, conforme se pretende analisar. Sob este foco, procuraremos desvendar algumas facetas esquecidas da figura do *Poverello* de Assis.

1. O nascimento de uma vocação especial

Francisco de Assis representa um marco inigualável na História da Igreja e dos homens. Não apenas pela fundação da pujante Ordem dos Frades

3) BENTO XVI. *Audiência geral*, 20/8/2008.

4) VIEIRA, Antônio. *Sermão da sexagésima*, Capela Real, 1655, IV (ed. *Obra completa*. São Paulo: Loyola, 2015, t. 2, v. 2, p. 53).

Menores, mas sobretudo por seu radical exemplo de amor à Cruz, seus dons proféticos,⁵ sua mística sublime e ascética modelar, além da notável despreensão, enfim, por ser dotado de santidade ímpar num renovado *élan* evangélico pela conquista do Reino de Cristo.

Já no prólogo da *Legenda maior* — fonte biográfica mais respeitada sobre o Assisense⁶ —, São Boaventura de Bagnoregio evidencia que a passagem de seu Fundador entre os homens era como que uma reedição da vinda de Cristo: “Manifestou-se, nos últimos tempos, a graça de Deus nosso Salvador em seu servo Francisco, a todos os [que são] verdadeiramente humildes e amigos da santa pobreza”.⁷

Pois bem, de onde veio este varão, cujo estilo de vida inspirou e ainda inspira tantos, há oito séculos de distância? Por que seriam aqueles os “últimos tempos”?

Em geral, grandes vocações surgem de modo extraordinário. Com efeito, aquele filho do rico comerciante Pietro di Bernadone, antes de se lançar em sua aventura evangélica, teve um paradigmático sonho, infelizmente pouco lembrado. Vislumbrou ele um magnífico e grandioso palácio, pertencente a uma belíssima esposa (a Dama Pobreza), com muitas armas de combate incrustadas com a Cruz, prontas para a guerra. E foi-lhe revelado que aquele armamento — além do próprio Palácio — era destinado a ele e a seus cavaleiros.⁸

Num primeiro relance, o jovem Francisco, sempre fascinado por épicos cavaleirescos e cumulado de audácia, mas também de certa leviandade,⁹ interpretou aquela visão como prenúncio de prosperidade material e sucesso na carreira militar. Tornar-se-ia ele um herói das Cruzadas? Sim, mas não como ele concebia de início. Na realidade, mais tarde ficou claro que aquele

5) Cf. TOMÁS DE CELANO. *Vida segunda*, II, cap. XXIV (FF 640).

6) Após a determinação do Capítulo Geral dos Frades Menores em Narbona (1260) de escrever uma “boa legenda de Francisco”, São Boaventura a realizou com todo esmero, obtendo a aprovação do Capítulo Geral de 1263 como biografia oficial e a proibição de 1266 de ler qualquer outra hagiografia sobre o *Poverello*.

7) BOAVENTURA DE BAGNOREGIO. *Legenda maior*, prolog., 1 (FF 1020): “Apparuit gratia Dei Salvatoris nostri diebus istis novissimis in servo suo Francisco omnibus vere humilibus et sanctae paupertatis amicis”.

8) Cf. TOMÁS DE CELANO. *Vida primeira*, I, cap. 2, 5 (FF 326); BOAVENTURA DE BAGNOREGIO. *Legenda maior*, cap. 1 (FF 1031); BOAVENTURA DE BAGNOREGIO. *Legenda menor*, cap. 1 (FF 1332); ANÔNIMO. *Legenda dos três companheiros*, cap. 2 (FF 1399); *Anônimo perusino*, cap. 1 (FF 1491).

9) Cf. TOMÁS DE CELANO. *Vida primeira*, I, cap. 2, 4 (FF 325).

evento determinante para a sua conversão seria cumprido pelo ideal de cavalaria transposto para a vida religiosa.¹⁰

Na interpretação espiritual do primeiro biógrafo do Santo de Assis, Tomás de Celano, Francisco, qual novo valente Davi, libertaria Israel (a Igreja), cortando a cabeça do ímpio Golias (i.e. os inimigos da Igreja):

E, na verdade, bem no início se faz belamente menção das armas, e muito oportunamente as armas são entregues ao cavaleiro [Francisco] que lutará contra o forte armado para, como outro Davi *em nome do Senhor Deus dos exércitos* (cf. I Sm 17,45), libertar Israel do inveterado opróbrio dos inimigos.¹¹

Mais tarde, o próprio Jesus lhe confirma a sua altíssima vocação, através da famosa manifestação do crucifixo de São Damião, quando exortou: “Francisco, vai e restaura minha casa que, como vês, está toda destruída”.¹² E a mão de Deus o tocou a fundo, indicando-lhe o caminho sem retorno.

Mas, como se cumpriria essa importante missão confiada pelo próprio Redentor?

Nada menos que por sua perfeita imitação, conforme narra Angelo Clareno (†1337), franciscano da corrente dos espirituais e opositor do laxismo na Ordem: “Cristo Jesus, Salvador nosso, aparecendo a ele, disse: ‘Francisco, siga-me e calca as pegadas de minha vida pobre e humilde’ [...]. ‘Tu e todos os frades que te darei, *vivei segundo a minha imitação* como forasteiros e peregrinos, mortos para o mundo’”.¹³

Assim, sepultando o homem velho (cf. Rm 6,6) e despojando-se dos tesouros da terra (cf. Mt 6,19) e dos laços humanos (cf. Lc 14,26), aquele destemido varão tomou resoluta decisão de seguir a Cristo em tudo, abraçando-O como Pai no lugar do progenitor Pietro, quem lhe investira voraz perseguição, acusando-o de insanidade.¹⁴ Em contrapartida, bem se aplicariam a Francisco as

10) Cf. BARCARO, Umberto. *Il sogno memorabile di Francesco d'Assisi: il sogno del palazzo con le armi*. Milano: Franco Angeli, 2014, p. 17.

11) TOMÁS DE CELANO. *Vida primeira*, I, cap. II, 5, 9 (FF 327; trad. modif.): “Et quidem pulchre satis primo de armis fit mentio et opportune multum arma traduntur contra fortem armatum militi pugnaturum ut quasi alter David in nomine Domini Dei exercituum ab inveterato inimicorum opprobrio liberet Israellem”.

12) *Ibid.*, cap. VI, 4 (FF 593): “Francisce inquit vade repara domum meam quae ut cernis tota destruitur”.

13) CLARENO, Angelo. *Livro das crônicas ou das tribulações da ordem dos frades menores*, prólogo (FFI 2124; grifo nosso).

14) Cf. TOMÁS DE CELANO. *Vida segunda*, I, cap. VII (FF 596-598).

palavras do Apóstolo: “Mas o que é loucura no mundo, Deus o escolheu para confundir os sábios; e, o que é fraqueza no mundo, Deus o escolheu para confundir o que é forte” (I Cor 1,27). Após a conversão, reconheceu com clareza que os loucos são os que mergulham suas vidas nas trevas do pecado.

Sua missão, entretanto, estaria ainda longe de ser cumprida. Pouco a pouco, o Assisense reuniu discípulos em torno de si para a vida em comum. Estes também enfrentaram dificuldades no abandono da casa paterna. Em sentido inverso, o Santo se fez para eles como uma verdadeira “mãe”, como se auto-denominou numa carta a Frei Leão.¹⁵

De tal modo, crescendo progressivamente nos méritos e nas virtudes,¹⁶ teve visões,¹⁷ previu o futuro,¹⁸ desmascarou a hipocrisia,¹⁹ revelou segredos do coração,²⁰ exorcizou demônios,²¹ afastou calamidades das cidades,²² teve discernimento dos espíritos,²³ fez sair água da rocha,²⁴ foi exemplo de piedade²⁵ entrando por vezes em êxtase,²⁶ foi agraciado com o dom de interpretação das Escrituras,²⁷ foi exímio pregador e missionário,²⁸ enfim, operou muitos milagres durante a vida e, depois dela, no conspecto de Deus.²⁹

É certo que também foi exemplo de desapego dos bens materiais e dotado de insigne despreensão. Renunciou a todo e qualquer privilégio em relação aos demais da Ordem por ele mesmo constituída. Não obstante, isso não o impedia, à maneira de São Paulo, de convocar seus companheiros à sua própria imitação, conforme suas palavras: “Eu devo ser modelo e exemplo para

15) Cf. FRANCISCO DE ASSIS. *Carta a frei Leão*, n. 2 (FF 250).

16) Cf. TOMÁS DE CELANO. *Vida segunda*, I, cap. XVI (FF 609).

17) Cf. *ibid.*, cap. XIII (FF 606).

18) Cf. *ibid.*, cap. XVI (FF 609); *ibid.*, II, cap. III (FF 616); *ibid.*, II cap. VIII (FF 622); *ibid.*, II, cap. X (FF 624); *ibid.*, II, cap. XII (FF 626); *ibid.*, II, cap. XXIII (FF 638).

19) Cf. *ibid.*, II, cap. II (FF 615).

20) Cf. *ibid.*, cap. V (FF 618).

21) Cf. *ibid.*, cap. LXXXVI (FF 697).

22) Cf. *ibid.*, cap. VII (FF 621).

23) Cf. *ibid.*, cap. XI (FF 625).

24) Cf. *ibid.*, cap. XVII (FF 632).

25) Cf. *ibid.*, cap. LXI (FF 681).

26) Cf. *ibid.*, cap. LXIV (FF 685).

27) Cf. *ibid.*, cap. LXIX (FF 690); *ibid.*, II, cap. LXXI (FF 692).

28) Cf. BOAVENTURA DE BAGNOREGIO. *Legenda maior*, cap. IX, 8 (FF 1173-1174).

29) Cf. TOMÁS DE CELANO. *Vida primeira*, II, cap. I (FF 472).

todos os frades”.³⁰ Ademais, esse grande chamado se estendia a seus discípulos: “A nós, caríssimos, mais do que aos outros religiosos, convém seguir o exemplo da humildade e da pobreza de Cristo”.³¹ A imitação de Cristo deveria ser irradiante a todos.

Fato evidente é que nunca houve hagiografias deste escol até então, tanto pela quantidade quanto pela qualidade. A que isso se deveu?

2. *A imitação de Cristo como ideal de vida*

Conforme o exposto, copiosas são as fontes biográficas sobre o Santo de Assis. Em muitos desses relatos, encontram-se configuradas não apenas simples narrações históricas, mas autênticas hagiografias, com uma vincada matriz devocional e laudatória, como já foi possível entrever.

Com efeito, em muitos desses escritos, o *Poverello* era representado como um homem providencial e profético, ímpar em toda a História, cingindo-o em duas partes. Entretanto, se formos analisar sua vida detidamente, veremos que a componente de imitação de Cristo está inserida como uma espécie de moldura em todas essas descrições. O *Leitmotiv* se concentrava na ideia de que Deus havia modelado em Francisco uma imagem perfeita, através de uma quase “segunda redenção” para aquele período de decadência. Tratava-se de uma nova oportunidade oferecida pela Providência à humanidade.

Aos olhos de seus hagiógrafos, Francisco era o mais santo dos homens, porque Jesus, é claro, era o próprio Deus. De fato, conforme explana Angelo Clareno, o seu Fundador possuía uma vocação toda especial, pois “Cristo o amou de modo singular”.³² Em outras palavras, tratava-se antes de tudo de uma divina predileção.

Por outro lado, deixando para trás os embaraços da vida mundana, ele abraçou amorosamente a Cristo como “a substância, a energia, a paixão, a luz e a vida, impresso em fogo nos afetos e no intelecto”.³³ Em suma, realizou em si o mote do Apóstolo: “Para mim viver é Cristo” (Fl 1,21).

30) ANÔNIMO. *Espelho da perfeição*, cap. XVI, 3 (FF 1699): “Me oportet esse formam et exemplum omnium”.

31) *Ibid.*, cap. XX, 11 (FF 1703): “[N]obis enim carissimi magis convenit sequi exemplum humilitatis et paupertatis Christi quam aliis religiosis”.

32) CLARENO, Angelo. *Livro das crônicas ou das tribulações da ordem dos frades menores*, prólogo (FFI 2114).

33) *Ibid.*

Num horizonte mais amplo, muitos comentaristas contemporâneos qualificam Francisco como “um homem de seu tempo”. Outros avançam com a proposta de ele ser uma resposta da Providência para o século XIII. Em contrapartida, na percepção de alguns de seus biógrafos, o *Poverello* não estava simplesmente circunscrito àquela época. Antes, o Santo já estava predestinado desde toda a eternidade nas relações intratrinitárias, como um verdadeiro dom do Pai oferecido ao Filho.³⁴

Já os motivos e a maneira em que isso se realizava no tempo estavam claros: “Ele [Francisco] era adestrado por Cristo e por seu Anjo celeste e, em virtude do Espírito Santo, anunciava aos frades a nobreza incomparável, a glória arcana e a *sublimidade da imitação da humilde vida pobre de Cristo*, com sinais e obras extraordinárias”.³⁵ Em congruência com o exposto acima, esta vida humilde não contrastava com a insigne missão confiada a Francisco de manifestar com esplendor a nobreza, a glória e a sublimidade do Divino Mestre, pela *imitatio Christi*. Por certo, aquele sonho do ideal cavaleiresco nunca se apagara em seu horizonte, servindo de *cadre* para sua característica generosidade e nobreza de caráter.³⁶ Não se olvide, ademais, que ele acompanhou a Quinta Cruzada em Terra Santa, onde imperava uma “guerra implacável”, para assim conquistar a “palma dos mártires”.³⁷ Com efeito, conforme outro biógrafo, tornou-se pela vida “o novo cavaleiro de Cristo (cf. II Tm 2,3)”.³⁸

Ora, a fim de estabelecer relações entre a vida do Redentor e a vida do “arauto do grande Rei”,³⁹ como o próprio Francisco se autocaracterizava, os hagiógrafos se utilizavam com frequência de passagens bíblicas, em particular dos Evangelhos, numa clave espiritual e alegórica, para se referir a seu Fundador. O objetivo era manifesto: revelar que o *Poverello* era um perfeito imitador de Cristo.

Entre os seus biógrafos destaca-se o já mencionado Tomás de Celano, quem conheceu pessoalmente Francisco e seus confrades. Trata-se, portanto, de uma respeitável fonte primitiva. Uma das principais claves para a compre-

34) Ibid. (FFI 2125).

35) Ibid. (FFI 2150) (grifo nosso).

36) Sobre isso cf. LE GOFF, Jacques. *Saint François d'Assise*. Paris: Gallimard, 1999, p. 26-27.

37) Cf. BOAVENTURA DE BAGNOREGIO. *Legenda maior*, IX, 5 (FF 1171-1172).

38) Cf. TOMÁS DE CELANO. *Vida primeira*, I, cap. 4, 9, 1 (FF 335).

39) Cf. BOAVENTURA DE BAGNOREGIO. *Legenda maior*, II, 5 (FF 1044); TOMÁS DE CELANO. *Vida primeira*, I, cap. 7, 16 (FF 346).

ensão da doutrina da *imitatio Christi* está inserida logo no prólogo da segunda parte da *Vida segunda*: “Eu considero o bem-aventurado Francisco um espelho santíssimo da santidade do Senhor e imagem da perfeição dele (cf. Sb 7,26). Eu diria: todas as suas palavras e ações exalam um certo perfume divino”.⁴⁰

Também podemos discernir essa temática com muita nitidez na obra anônima *Espelho de perfeição* (1318), onde é enfatizado o papel do *Poverello* como modelo, à maneira de um farol que ilumina seus discípulos para a perfeita imitação do Divino Mestre. Nessa hagiografia, Francisco, “o pai santíssimo”,⁴¹ é descrito como “verdadeiro amigo e imitador de Cristo”.⁴² Ora, essa amizade e modelagem se tornaram sempre mais intensas a ponto de ser ele posteriormente caracterizado como “fiel servo e imitador perfeito de Cristo, sentindo-se completamente transformado em Cristo por força da santa humildade”.⁴³ Note-se aqui que o próprio Santo percebia em si esta configuração com o seu Arquétipo.

Em suma, com esses qualificativos o autor anônimo almejava uma meta muito clara: evidenciar que o Santo de Assis era um *alter Christus*, cujo modelo e exemplo os frades eram “chamados a imitar” para assim imitar a Cristo, em última instância.⁴⁴ Ou seja, tratava-se de uma espécie de corrente mimética que ligava os seus discípulos a Cristo por intermédio do santo fundador como eficaz veículo.

3. Regula alter Evangelium e “Francisco homem evangélico”⁴⁵

Embora essa *imitatio Christi* seja efetivada pelo exemplo de vida, o *Poverello* quis consignar por escrito um verdadeiro código de seguimento de Cristo. Com efeito, desejou ele legar para a posteridade uma breve Regra, cuja doutrina sobre a vida religiosa é explicitada logo no exórdio, a saber, com o foco no seguimento do modelo evangélico: “A Regra e vida dos Frades Meno-

40) TOMÁS DE CELANO. *Vida segunda*, II, 26, 4-5 (FF 613; trad. modif.): “Existimo autem beatum Franciscum speculum quoddam sanctissimum Dominicae sanctitatis et imaginem perfectionis illius. Eius inquam omnia tam verba quam facta divinum quoddam divinitus redolent”.

41) ANÔNIMO. *Espelho da perfeição*, cap. V, 1 (FF 1685): “...beatissimus pater”.

42) Ibid., cap. XIV, 1 (FF 1697): “Verus amicus et imitator Christi”.

43) Ibid., cap. LXXIII, 1 (FF 1768): “Fidelis servus ac perfectus imitator Christi Franciscus sentiens se per sanctae humilitatis virtutem in Christum potissime transformatum”.

44) Cf. ibid., cap. LXXII (FF 1766).

45) Expressão de UBERTINO DE CASALE. *Arbor vitae*, I (FFI 2093).

res é esta: observar o santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, vivendo em obediência, sem propriedade e em castidade”.⁴⁶

Nesse código de vida religiosa, a emulação bíblica é frequentemente recorrida, como a passagem do moço rico, que serviu de inspiração para a redação da *Regra não bulada*, enquanto ideal de vida: “Se queres ser perfeito, vai (Mt 19,21) e vende tudo (cf. Lc 18,22) que tens e dá aos pobres e terás um tesouro no céu; e vem e segue-me (Mt 19,21)”.⁴⁷

Além disso, o Santo de Assis defendia que a Regra, imutável⁴⁸ como as próprias Escrituras, seria propriamente a “medula do Evangelho, via de perfeição”.⁴⁹ Foi redigida “por inspiração de Cristo”, conforme se explicitou ao Santo e a alguns companheiros numa visão: “Francisco, nada há na Regra que seja teu, mas *tudo* o que ali está é meu”.⁵⁰

Assim, como “perfeito zelador da observância do santo Evangelho, Francisco velava ardentemente pela comum observância de nossa Regra, que outra coisa não é senão a perfeita observância do Evangelho”.⁵¹ Portanto, se ele era *alter Christus*, a Regra franciscana era reputada pelos minoritas e seu Fundador como uma espécie de *alter Evangelium*, isto é, uma imagem, ela mesma, da Palavra de Deus.

Nesse espírito de minoridade franciscana o Assisense perseverou durante a vida, como exemplo, até consignar em seu Testamento as seguintes palavras: “E depois que o Senhor me deu irmãos, ninguém me mostrou o que deveria fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou que eu deveria viver segundo a forma do santo Evangelho. E eu o fiz escrever com poucas palavras e de modo simples, e o senhor Papa mo confirmou”.⁵² O Testamento serviu, pois, de perfeito epílogo para a sua proposta de vida.

46) FRANCISCO DE ASSIS. *Regra bulada*, cap. I, 2 (FF 75): “Regula et Vita Minorum Fratrum haec est, scilicet Domini nostri Jesu Christi sanctum Evangelium observare vivendo in obedientia, sine proprio et in castitate”.

47) *Ibid.*, cap. I, 2 (FF 4): “Si vis perfectus esse, vade (Mt 19,21) et vende omnia (cf. Lc 18,22), quae habes, et da pauperibus et habebis thesaurum in caelo; et veni, sequere me (Mt 19,21)”.

48) Cf. *ibid.*, cap. XXIV, 4 (FF 73).

49) TOMÁS DE CELANO. *Vida segunda*, cap. CLVIII, 208, 2 (FF 797): “...medullam evangelii viam perfectionis”.

50) ANÔNIMO. *Espelho da perfeição*, cap. I, 8 (FF 1678) (grifo nosso): “Tunc audierunt omnes vocem Christi respondentis in aere: Francisce nihil est in regula de tuo sed totum est meum quiddam est ibi”.

51) *Ibid.*, cap. LXXVI (FF 1771): “Perfectus zelator observantiae sancti evangelii beatus Franciscus communem professionem regulae nostrae quae non est aliud quam perfecta evangelii observantia”.

52) FRANCISCO DE ASSIS. *Testamento*, 14-15 (FF 116): “Et postquam Dominus dedit mihi de fratribus, nemo ostendebat mihi, quid deberem facere, sed ipse Altissimus revelavit mihi, quod deberem vivere se-

Também é explícita na obra *Espelho de perfeição* a intenção de revelar Francisco como a efigie de Cristo. Assim, a *sequela Christi* se realizaria pelo seguimento do Fundador no cumprimento da vocação religiosa: “Termina o *Espelho da perfeição* do estado do frade menor, no qual se reflete suficientemente a perfeição de sua vocação e profissão”.⁵³

No ambiente minorita, a imitação era entendida, portanto, como o cerne da vida religiosa. De fato, Francisco julgava que seus discípulos aprenderiam mais pela imitação do que pela mera formação livresca.⁵⁴ Assim, ele mesmo se fez um livro aberto de virtudes, emulando em si mesmo as páginas da Escritura, ao seguir a seu Senhor como modelo. Cada capítulo de sua vida estava marcado pelo intenso convívio com seus filhos espirituais e, após a morte, pelos favores de sua intercessão por eles aqui na terra, os quais lhe retribuía com ainda maior fervor e admiração.

Nesse sentido, recorde-se o provérbio: “Ninguém dá o que não tem”. Pois bem, é importante salientar que antes de mimetizar o Supremo Exemplo, Francisco se embebeu da Palavra de Deus, assimilando-a por um particular auxílio sobrenatural, conforme descreve São Boaventura na biografia mais autorizada de seu Fundador: “E não é algo fora de propósito que o santo homem tenha recebido de Deus a compreensão das Escrituras, já que pela *imitação perfeita de Cristo ele trazia nas obras a verdade delas descrita e, pela plena unção do Espírito Santo, ele tinha junto a si, no coração, o doutor delas*”.⁵⁵ De fato, o *Poverello*, mesmo desprovido de estudos aprofundados e “sem grande facilidade de expressão”, era reputado como uma “águia a voar nas asas da pureza e da contemplação” na interpretação da Bíblia.⁵⁶ Um verdadeiro “arauto da perfeição evangélica”,⁵⁷ em todos os sentidos. Teria isso acontecido devido a uma sofisticada capacidade exegética? Na realidade a

cundum formam sancti Evangelii. Et ego paucis verbis et simpliciter feci scribi et dominus papa confirmavit mihi”.

53) ANÔNIMO. *Espelho da perfeição*, epílogo (FF 1825): “Explicit Speculum Perfectionis status fratris minoris in quo scilicet vocationis et professionis suae perfectionem potest sufficientissime speculari”.

54) Cf. THOMPSON, Augustine. *Francis of Assisi: a New Biography*. Ithaca: Cornell University Press, 2012, p. 40.

55) BOAVENTURA DE BAGNOREGIO. *Legenda maior*, XI, 2, 4 (FF 1189) (grifo nosso): “Nec absoum si vir sanctus scripturarum a Deo intellectum acceperat cum per imitationem Christi perfectam veritatem ipsarum descriptam gestaret in opere et per sancti Spiritus unctionem plenariam doctorem earum apud se haberet in corde”.

56) Cf. *ibid.* Cf. etiam: TOMÁS DE CELANO. *Vita secunda*, CIII (FF 725).

57) BOAVENTURA DE BAGNOREGIO. *Legenda maior*, prólogo, 1, 2 (FF 1020).

resposta se encontra mais uma vez na perfeita *imitatio Christi*. Em suma, o Verbo de Deus Se encarnou mais uma vez, *mutatis mutandis*, na carne de Francisco.

Desse modo, interpretando as Escrituras pela vida e forjando Cristo no cotidiano, o Santo as cumpria em si mesmo pela santidade. Ou seja, ao buscar autenticamente o Reino de Deus e sua justiça (cf. Mt 6,33), a aplicação da *Regra* em sua dinâmica evangélica vinha por consequência. Portanto, a própria vida do Santo funcionava mimeticamente não apenas para explicar de modo mais acessível as passagens das Escrituras a seus companheiros, mas também visava uma perspectiva ainda mais ampla:

Estas vidas [de santos], como a de Francisco, são belos modelos na tarefa de interpretação [da Bíblia]. De fato, as vidas dos santos podem servir para corrigir nossa tendência de maquiagem partes do texto — tendência esta que pode nos isolar de viver o texto [bíblico], ou ainda mesmo do próprio Cristo. Se entendemos a vida da Igreja como *totus Christus*, então as vidas dos santos, e nossa tentativa de seguir seus passos, constituem teologicamente um capítulo na vida de Cristo.⁵⁸

Não ignoramos que, diante desse quadro, certos autores chegaram a insinuar exageros da parte de São Boaventura e de outros biógrafos ao retratar São Francisco sob os moldes da *imitatio Christi*. Para estes seria impossível que um frade pudesse seguir um modelo tão perfeitamente representado...⁵⁹ Ora, se isso fosse verdade a exortação do Divino Mestre: “Sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito” (Mt 5,48) seria igualmente um absurdo ou mesmo uma fantasia. É nessa direção, aliás, que o famoso historiador Jacques Le Goff menospreza o Doutor Seráfico por este “ignorar [na *Legenda*] as exigências da ciência histórica moderna”,⁶⁰ insinuando com isso uma perda de credibilidade neste e em outros escritos. Contudo, como é óbvio, uma obra

58) HOWELL, James C. Christ Was like St. Francis. In: DAVIS, Ellen F.; HAYS, Richard B. (ed.). *The Art of Reading Scripture*. Grand Rapids: Eerdmans, 2003, p. 102: “Such lives, like Francis’s, are beautiful models for the task of interpretation. Indeed, the lives of the saints may serve to correct our tendency to gloss over portions of the text — a tendency that can insulate us from the living of it, or perhaps even from Christ himself. If we grasp the church’s life as the *totus Christus*, then the lives of the saints, and our tentative toddling along behind them, constitute theologically a chapter in the life of Christ”.

59) Cf. DALARUN, Jacques. *The Misadventure of Francis of Assisi*. Toward a Historical Use of the Franciscan Legends. St. Bonaventure, NY: Franciscan Institute Publications, 2002, p. 254; MERLO, Grado G. *In the Name of Saint Francis: History of the Friars Minor and Franciscanism until the Early Sixteenth Century*. Saint Bonaventure, NY: The Franciscan Institute, 2009, p. 205-206.

60) LE GOFF, Jacques. *Saint François d’Assise*. Paris: Gallimard, 1999, p. 44.

medieval jamais se enquadrará aos padrões da historiografia contemporânea; entretanto, nem por isso seria necessariamente inválida, mesmo considerando os tão comuns elementos subjetivos. Sem embargo, seria muita ingenuidade imaginar uma obra absolutamente impessoal.

Ademais, contrariando as dúvidas e acusações do protestante Paul Sabatier em sua obra fundamental sobre Francisco,⁶¹ é evidente que o biógrafo Tomás de Celano, por exemplo, organizou e reelaborou as memórias sobre o Santo, mas isso não significa que ele as teria *falsificado*.⁶² Nesse sentido, é mister perscrutar as hagiografias de maneira racional, mas com olhos sobrenaturais, sob pena de sucumbir na armadilha de meras ideologias. Infelizmente muitos daqueles que advogam pela imparcialidade histórica caem eles mesmos na parcialidade em seus juízos...

De resto, nesse âmbito, seria também naturalmente inexplicável a rápida — mais do que se imaginava no passado — expansão e consolidação internacional da Ordem de forma organizada, a partir de um pequeno grupo de leigos sem muita instrução,⁶³ e de um fundador que se considerava “simples” e “idiota”.⁶⁴ Seguindo o modo de pensar de seus detratores, esse sucesso seria então uma espécie de hipnose coletiva...?

4. *Franciscus alter Christus Crucifixus*

Muitas hagiografias primitivas narram a morte, ou melhor, o “trânsito” do Santo de Assis, como uma estrela fulgidíssima em direção à Luz onde habita Cristo.⁶⁵ Contudo, o *Espelho de perfeição* ressalta com bastante nitidez o papel de Francisco como modelo e exemplo de perfeição, e imitador de Cristo padecente.

Conforme expõe o autor, ante a proximidade da morte do Pai e Fundador, um de seus seguidores lhe confessou: “Certamente não é para admirar, porque tua vida tem sido uma constante luz para nós e tuas palavras tochas ardentes e incendiadas a nos impelir continuamente no caminho da Cruz,

61) SABATIER, Paul. *Vie de S. François d'Assise*. Paris: Fischbacher, 1894.

62) Cf. MANSELLI, Raoul. *François d'Assise*. Tr. fr. Henri Louette; Jacques Mignon. Paris: Cerf, 2004, p. 38.

63) Cf. ROEST, Bert. Francis and the Pursuit of Learning. In: ROBSON, Michael J. P. (ed.). *The Cambridge Companion to Francis of Assisi*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011, p. 161.

64) Cf. CLARENO, Angelo. *Livro das crônicas ou das tribulações da ordem dos frades menores*, I (FFI 2162).

65) Cf. BOAVENTURA DE BAGNOREGIO. *Legenda maior*, cap. XIV, 6 (FF 1243).

na perfeição evangélica e no amor e imitação do dulcíssimo Crucificado”.⁶⁶ Assim continua o relato de como o Santo lidou com a sua agonia na presença de alguns discípulos:

Contudo, *querendo imitar na morte seu Senhor e Mestre, que havia imitado perfeitamente na vida*, mandou trazer pães, abençoou-os (cf. Mt 26,26) e mandou que os partissem em muitos pedaços, porque, por sua extrema debilidade não conseguia parti-los. Depois os tomou, ofereceu um pedaço a cada frade, mandando que o comessem todo. Assim como o Senhor, antes de sua morte, quis comer com os apóstolos na Quinta-Feira Santa, em sinal de seu amor, da mesma forma, como *perfeito imitador de Cristo*, São Francisco quis mostrar o mesmo sinal de amor por seus frades. E que ele queria fazer isso à semelhança de Cristo, fica evidente, porque depois perguntou se era quinta-feira.⁶⁷

Já nos *Fioretti* (isto é, “florilégios”), edificante hagiografia sobre o *Poverello*, o Santo é configurado como verdadeiro *alter Christus*, na temática da *sequela Christi*. Com efeito, esta intencionava conformar o percurso terreno de Francisco com aquele que era o próprio Caminho (cf. Jo 14,6). Em outras palavras, seria como se Jesus estivesse passeando novamente pelo mundo, não mais na Palestina, mas desta vez pelos montes da Úmbria.⁶⁸

Ademais, vale recordar a chave de leitura desta obra, oferecida logo no seu início: “Primeiramente devemos considerar que o glorioso monsiior São Francisco, *em todos os atos de sua vida*, foi conforme a Cristo bendito”.⁶⁹ A explicação desta afirmação é inserida mais adiante:

66) ANÔNIMO. *Espelho da perfeição*, cap. LXXXVII (FF 1784): “Nec mirum certe! Quoniam vita tua erat nobis continue lumen et verba tua erant faculae ardentes et ignientes nos continue ad viam crucis ad perfectionem evangelicam ad amorem et imitationem dulcissimi crucifixi”.

67) *Ibid.*, cap. LXXXVIII (FF 1786; grifo nosso): “Volens autem in morte imitari suum Dominum et magistrum quem in vita sua perfecte fuerat imitatus iussit apportari sibi panes et benedixit eos atque in plurimas particulas fecit frangi quia prae nimia debilitate frangere non valebat. Et accipiens unicuique fratrum porrexit particulam praecipiens ut totam quilibet manducaret. Unde sicut Dominus ante mortem suam voluit in signum dilectionis cum apostolis quinta feria manducare ita perfectus imitator ipsius beatus Franciscus voluit idem signum dilectionis ostendere fratribus suis. Et quod ad similitudinem Christi voluerit hoc facere patet manifeste quia postea quaesivit si erat tunc feria quinta. Et cum esset tunc alia dies dixit quod putabat esse feriam quintam”.

68) Cf. HOWELL, James C. Christ Was like St. Francis. In: DAVIS, Ellen F.; HAYS, Richard B. (ed.). *The Art of Reading Scripture*. Grand Rapids: Eerdmans, 2003, p. 90.

69) ANÔNIMO. *Fioretti*, cap. 1, 1 (FFI 1826; grifo nosso): “In prima è da considerare che 'l glorioso messere santo Francesco in tutti gli atti della vita sua fu conforme a Cristo benedetto”.

Por ter sido o veraz servo de Cristo, monsiior São Francisco, em certas coisas, como um *outro Cristo*, dado ao mundo para a salvação dos homens, Deus Pai o quis fazer em muitas ações *conforme e semelhante a seu Filho Jesus Cristo*; como no-lo demonstrou no venerável colégio dos doze companheiros, e no admirável mistério dos sagrados estigmas e no prolongado jejum da santa Quaresma.⁷⁰

Por este trecho se percebe a ambivalência dessa imitação de Cristo na alma do Santo. De uma parte, se revela o mérito de sua correspondência ao chamado da Providência e sua configuração como “veraz servo de Cristo”, imitando-O até na quantidade de discípulos escolhidos. De outra, fica patente como Deus Pai o premiou enviando o seu Filho para agir em sua alma não apenas em seus atos, mas até mesmo na aparência, isto é, através da personificação da Paixão Redentora nos estigmas do Santo. Dessa maneira, Francisco realmente “apareceu crucificado” e “nenhum dos membros restou sem grande sofrimento”,⁷¹ cinzelando em si mesmo as chagas de Cristo Padecente.

Com efeito, a estigmatização, privilégio único até então, o levou a completar em sua carne o que faltava à Paixão de Cristo (cf. Col 1,24), cujo ápice se daria por ocasião de uma “gravíssima enfermidade nos olhos”⁷² (oftalmia). Na quaresma da festa de São Miguel de 1224, dois anos antes de entregar sua alma ao Senhor, Francisco tornava-se pelas chagas aquele “homem novo” (Ef 4,24),⁷³ sobre o qual fala o Apóstolo, um *alter Christus Crucifixus*, identificado com Jesus pregado à Cruz no alto do Calvário. Cumpriam-se nele aquelas palavras da Epístola aos Gálatas (6,4): “Quanto a mim, não aconteça gloriar-me senão na Cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo”.

Nesse contexto, as chagas eram como que a chancela da Providência à sua exemplar vida evangélica. E o Assisense era plenamente consciente de seu alto chamado: “O homem cheio de Deus compreendeu que, *como havia imitado a Cristo nos atos da vida*, assim devia ser conforme a Ele nas aflições

70) Ibid., cap. 7 (FFI 1835; trad. modif.; grifo nosso): “Il verace servo di Cristo santo Francesco, però che in certe cose fu quasi un altro Cristo, dato al mondo per salute della gente, Iddio Padre il volle fare in molti atti conforme e simile al suo figliuolo Gesù Cristo, siccome ci dimostra nel venerabile collegio de’ dodici compagni e nel mirabile misterio delle sacrate Istimate e nel continuato digiuno della santa Quaresima”.

71) ELIAS, Frei. *Carta encíclica sobre o trânsito de São Francisco*, V-VI (FF 309-310): “apparuit crucifixus”; “nullum membrum in eo remansit absque nimia passione”.

72) TOMÁS DE CELANO. *Vida primeira*, II, cap. IV, 98, 6 (FF 491).

73) Cf. idem. *Tratado dos milagres*, II, 2 (FF 825).

e dores da Paixão, antes de passar deste mundo”.⁷⁴ E isso sem perder a sua modelar humildade.

A esse propósito, as *Considerações sobre os Sacrossantos Estigmas*, inseridas nos *Fioretti*, ilustram essa temática com uma pequena história sobre um nobre cavaleiro chamado Landolfo, “devotíssimo de São Francisco” e seu contemporâneo. Certo dia, desejou ele comprovar a morte do Santo, bem como a autenticidade de seus estigmas sobre os quais ouvira falar. Em seu castelo havia uma mulher atormentada pelo demônio, cujo acossamento supostamente se interrompeu para empreender a missão de tentar São Francisco na hora de sua morte. Para se certificar do ocorrido, o cavaleiro conjurou o demônio da parte de Deus a revelar se de fato o *Poverello* era mesmo santo e se já tinha efetivamente morrido. Replicou, então, o espírito das trevas:

Dir-te-ei quer queira quer não, o que é verdade. Ele, Deus Pai, estava tão indignado contra os pecados do mundo que em breve parecia querer pronunciar contra os homens e contra as mulheres a definitiva sentença de exterminar o mundo, se não se corrigisse. Mas Cristo, suplicando pelos pecadores, *prometeu renovar a sua vida e a sua Paixão em um homem*, isto é, em São Francisco, pobrezinho e mendigo, *por cuja vida e doutrina ele reconduziria muitos de todo o mundo ao caminho da verdade e da penitência*. E então, para mostrar ao mundo que isto ele tinha feito em São Francisco, quis que os estigmas de sua Paixão, os quais tinha impressos em seu corpo em vida, fossem agora vistos por muitos e tocados em sua morte. Semelhantemente, a Mãe de Cristo prometeu renovar sua pureza virginal e sua humildade em uma mulher, isto é, em Santa Clara, por tal forma que por seu exemplo ela arrancaria muitos milhares de mulheres das nossas mãos. E assim por estas promessas Deus Pai apaziguado deferiu sua sentença definitiva.⁷⁵

74) BOAVENTURA DE BAGNOREGIO. *Legenda maior*, cap. XIII, 2, 3 (FF 1224): “[I]ntellexit vir Deo plenus quod sicut Christum fuerat imitatus in actibus vitae sic conformis ei esse deberet in afflictionibus et doloribus passionis antequam ex hoc mundo transiret”.

75) ANÔNIMO. *Fioretti: Considerações sobre os Sacrossantos Estigmas* (FFI 1956; grifo nosso): “Dirottene, o voglia io o no, quello ch’è vero. Egli era tanto indegnato Iddio padre contra alli peccati del mondo, che in breve pareva che volesse dare contra agli uomini e contro le femmine la difinitiva sentenza e disterninarli dal mondo se non si correggessono. Ma Cristo suo figliuolo, pregando per li peccatori, promise di rinnovare la sua vita e la sua passione in uno uomo, cioè in Francesco *Poverello* mendico per la cui vita e dottrina ridurrebbe di tutto il mondo molti alla via della verità e ancora a penitenza. E ora, per mostrare al mondo che ciò egli avea fatto in santo Francesco, ha voluto che le stimate della sua passione, le quali egli gli aveva impresse nel suo corpo in vita sua, sieno ora vedute da molti e toccate nella morte sua. Similmente e la Madre di Cristo promise di rinnovare la sua purità verginale e la sua umiltà in una femmina, cioè in suora Chiara, per tale modo che per suo esempio ella trarrebbe molte mi-

A seguir, Landolfo, sabendo que o demônio é o pai da mentira procurou verificar se o Santo já tinha de fato entregado sua alma a Deus. Isto foi confirmado até mesmo nos detalhes, a saber, no mesmo dia e hora mencionados pelo espírito infernal.⁷⁶

Dessa forma, aos olhos de todos e admitido até mesmo pelo demônio, por obrigação ante a evidência dos fatos, o Estigmado de Assis se tornou verdadeiramente a “segunda estampa de Cristo crucificado”.⁷⁷ Além disso, é possível verificar, ainda de modo alegórico, que as próprias chagas de Cristo foram emendadas na segunda impressão no corpo de Francisco, ou seja, “entrou Cristo crucificado naquele espelho de Francisco”.⁷⁸

Nesse sentido, ilustra ainda o Padre Antônio Vieira:

Mas por que razão, saibamos, quis Cristo restampar as Suas chagas? Por que quis fazer esta segunda escultura, e esta segunda impressão delas? A razão está nas palavras que tomei por tema: *Adimpleo ea, quae desunt passionum Christi in carne mea* (Col 1,24: “Cumpro na minha carne o que resta padecer a Jesus Cristo”). Aquele *ad*, no texto original é *re: reimpleo*. Quando a primeira impressão sai defeituosa, faz-se segunda impressão mais correta, em que se emendam os defeitos da primeira. Isto é o que fez Cristo. Tornou a restampar as Suas chagas em Francisco para emendar nesta segunda impressão os defeitos da primeira estampa. [...] Na primeira impressão das chagas de Cristo no Monte Calvário, se bem se consideram todas suas circunstâncias, achareis que houve três defeitos: um da parte dos Impressores, outro da parte dos instrumentos, outro da parte das mesmas chagas impressas. E todos estes defeitos foram corretos, e emendados na estampa do Monte Alverno, quando segunda vez se restamparam as mesmas chagas no corpo de Francisco: *Adimpleo ea quae desunt passionum Christi in carne mea*.⁷⁹

E continua mais adiante:

Apreendeu o amor de Francisco tão viva, tão forte, tão dolorosamente o tormento e ofensa daqueles cravos, que os transformou, e os informou, e os

gliaia di femmine delle nostre mani. E così per queste promesse Iddio padre mitigato indugiò la sua definitiva sentenza”.

76) Cf. *ibid.*

77) VIEIRA, Antônio. *Sermão das chagas de São Francisco*, Roma, 1672, I (ed. cit., t. 2, v. 10, p. 437).

78) *Ibid.*, VI (ed. cit., p. 451).

79) *Ibid.*, II (ed. cit., p. 438-439).

vivificou em si mesmo. [...] Sim, porque, como era tão amante de Deus, e tão verdadeiro zelador de sua glória, transformou em si mesmo os instrumentos das ofensas de seu Senhor. [...] Despi a Francisco, e vereis a Cristo; vesti a Cristo, e vereis a Francisco.⁸⁰

Assim, o Santo de Assis se encontrou digno de ser configurado com Aquele a quem entregou sua vida como *imago Christi crucifixi*, ou seja, imagem de Cristo crucificado. De fato, conforme atestam os *Fioretti*, Francisco “era como Cristo crucificado”,⁸¹ além de ser definido como “servo do crucificado”,⁸² ou mesmo como “gonfaloneiro da Cruz de Cristo”.⁸³ A sua glorificação pode ser comprovada por uma revelação feita a um de seus discípulos, frei Pedro: depois da Mãe de Cristo e de São João ao pé da Cruz, “São Francisco teve a maior dor que qualquer outro [já teve]”.⁸⁴

Não bastava, porém, a identificação do Santo com a vida de Cristo; era necessária a configuração com o Redentor também pela morte.

5. Um homem providencial digno de ser imitado

Além do tema da *imitatio Christi*, os biógrafos do Assisense não temiam empregar alegorias para uma compreensão e devoção mais frutuosa à sua figura. Por exemplo, Francisco poderia ser interpretado de modo espiritual como a figura de Cristo através da imagem de um varão “*quasi sol oriens*”, ou seja, como um sol que surge do Oriente (ou como escreveu Dante: “nasceu para o mundo um sol”).⁸⁵ Note-se que esse tipo de comparação é frequente na *Legenda maior* de São Boaventura, e sobretudo na *Arbor vitae crucifixae* do espiritual Ubertino de Casale (concluída entre 1326-1329) e n’*A conformidade da vida de São Francisco à vida do Senhor Jesus*, composta entre 1385-1390 por Bartolomeu de Pisa.

Essa comparação simbólica se referia ao Apocalipse de São João, no qual se reconhecia no *Poverello* o profetizado Anjo do sexto selo saído do Oriente

80) Ibid., IV (ed. cit., p. 443-446).

81) ANÔNIMO. *Fioretti*, cap. 44 (FF 1882).

82) Ibid., cap. 3 (FF 1829).

83) Ibid., cap. 16 (FF 1846).

84) Ibid., cap. 44 (FF 1882): “[S]anto Francesco n’ ebbe maggiore dolore che nessuno altro”.

85) DANTE ALIGHIERI. *Paradiso*, canto XI, v. 50: “[N]acque al mondo un sole”. Mais adiante o poeta glorifica os estigmas de São Francisco (ibid., v. 106-108): “Nel crudo sasso intra Tevere ed Arno / Da Cristo prese l’ultimo sigillo / che le sue membra due anni portarno”.

(*ab ortu oriens*) e portador do *signum Dei vivi* (a marca do Deus vivo, i.e. os estigmas): “Vi também outro Anjo que subia do Oriente com o selo do Deus vivo” (Ap 6,12; 7,2; cf. Jo 3,29).⁸⁶ Pois bem, tal analogia não era por nada descabida. De fato, Francisco já era muito venerado e aclamado em vida: suas palavras atraíam multidões, pessoas se acotovelavam para contemplá-lo ou simplesmente tocar a fímbria de sua túnica. Em suma, conforme atesta São Boaventura: “O povo prestava atenção em suas palavras como se falasse um Anjo do Senhor”.⁸⁷ E foi sob esta imagem que o Seráfico Doutor, na época Ministro Geral da Ordem e tido como “segundo fundador”,⁸⁸ escreveu a *Legenda maior*.

Já para o autor da *Arbor vitae*, “Jesus gera Francisco”, especificando a vocação histórica do Santo. Com efeito, este é interpretado não apenas de modo escatológico por ser o Anjo do sexto selo, mas inclusive como o fundador de uma nova era na Igreja (i.e., a sexta). Ressalte-se que décadas antes, em Pedro João Olivi (†1298) se encontra esta “‘*superhementia*’ pela manifestação providencial de São Francisco”.⁸⁹ Seria, portanto, durante este período que “deve acontecer nele [i.e. em Francisco] a reforma da vida de Cristo”,⁹⁰ a fim de resgatar o mundo do lamentável estado da “quinta era da Igreja”, na qual viviam em grande número — continua Ubertino de Casale — “jumentos de lascívia, répteis de avareza, bestas de soberba e, por causa destes, a vida da Igreja peregrina era deturpada e por isso corrompida pela turba hipócrita da impiedade herética”.⁹¹ Dispensa comentar que tais proposições geraram flamejantes polêmicas dentro e fora da Ordem dos Frades Menores, como veremos mais adiante. Seja como for, recorde-se que a vocação do *Poverello* de Assis estava ligada à reconstrução da Igreja, conforme inspirava a voz do Divino Mestre pelos lábios do crucifixo de São Damião.

Ademais, não se ignora que o autor dessa obra, isto é, o minorita Ubertino de Casale, seja considerado “radical” pelos aderentes da corrente oposta aos

86) Cf. CIMINI, Mario. Francesco d’Assisi, figura dell’alter Christus. In: RATTI, Giancarlo. (ed.). *Paradiso*: Beatrice, Piccarda, Giustiniano, Francesco d’Assisi, Benedetto. Roma: Bulzoni, 2009, p. 110-111.

87) BOAVENTURA DE BAGNOREGIO. *Legenda maior*, XII (FF 1221). Cf. etiam: BIHEL, Stephanus. S. Franciscus fuitne angelus sexti sigilli? *Antonianum*, v. 2, 1927, p. 59-90.

88) Cf. ROGGEN, Heribert. Saint-Bonaventure comme “le second fondateur” de l’Ordre des frères mineurs. *Franziskanische Studien*, v. 49, 1967, p. 249-271.

89) VAUCHEZ, André. Les stigmates de saint François et leurs détracteurs dans les derniers siècles du Moyen Age. *Mélanges d’archéologie et d’histoire*, v. 80, n. 2, 1968, p. 617.

90) CASALE, Ubertino de. *Arbor vitae*, V, 1 (FFI 2047).

91) Ibid. (FFI 2044).

“espirituais” por interpretar de modo “literal” a Regra da Ordem. Foi nomeado legado pontifício e empreendeu embates frontais com os Papas Bonifácio VIII e Bento XI (os quais considerava como a primeira e a segunda bestas do Apocalipse, respectivamente). Apesar disso, é incontestável a historicidade e posterior influência de sua obra.

Por exemplo, num trecho de inegável valor histórico, Umberto de Casale comenta a posição de São Boaventura a respeito do Anjo do sexto selo:

E eu ouvi de um solene doutor desta Ordem [Pedro Olivi] que o frei Boaventura, então ministro geral e doutor solene, presente o mencionado doutor que mo comunicou, no capítulo de Paris, proclamou com toda a segurança que era certo e certificado que o bem-aventurado Francisco era o Anjo do sexto selo e que o Evangelista João tinha ouvido falar na carta exatamente a seu respeito, de sua forma de vida e de sua Ordem, e quando escrevia aquelas palavras via nele e no grupo de seus filhos, perfeitos imitadores de Cristo, em todas as páginas abertas naquele sexto selo.⁹²

Foge de nossa proposta discutir esse testemunho. Contudo, convém desde logo esclarecer que essa obra não é única no gênero. A já mencionada *Legenda maior* de São Boaventura, por exemplo, retrata não somente o aspecto de imitação prática do *Poverello*, mas também o descreve como um homem de santidade ímpar, configurado com Cristo pelas chagas, digno de ser admirado e venerado, ou seja, um verdadeiro Anjo. Em outras palavras, de uma parte, o filósofo de Bagnoregio interpreta a figura de São Francisco de modo transcendente.⁹³ Mas, de outra, explica a real semelhança (*similitudo*) do Santo de Assis com Cristo, a sua transformação (*transformatio*) em Cristo e a sua conformidade (*conformitas*) com Cristo. Nessa obra, além das múltiplas aplicações bíblico-espirituais de Francisco a Jesus, também é possível encontrá-lo configurado com Noé, Elias, João Batista, e novamente com o próprio Anjo do sexto selo. A seguir citamos um trecho do prólogo que serve como “clave de interpretação [profético-escatológica] de toda a vida de Francisco”:⁹⁴

Ele, pois, como estrela da manhã no meio da nuvem (Sir 50,6), resplendendo com os claros fulgores de vida e de doutrina, com a mais fúlgida irra-

92) Ibid. (FFI 2050).

93) Cf. CITTERIO, Chiara. La santità di Francesco. Uno strumento per la filosofia. *Doctor virtualis*, v. 5, 2006, p. 73.

94) DA CAMPAGNOLA, Stanislao. *L'angelo del sesto sigillo e l'“alter Christus”*. Roma: Laurentianum, 1971, p. 173.

dição, conduziu para a luz os que se achavam nas trevas e na sombra da noite (cf. Lc 1,79) e, como arco-íris que refulge entre nuvens de glória (Sir 50,8), tendo presente em si o sinal da aliança (cf. Gn 9,13) do Senhor, anunciou aos homens a paz (cf. Rm 10,15) e a salvação, tornando-se ele próprio o Anjo da verdadeira paz (cf. Is 33,7), destinado por Deus à imitação e semelhança do Precursor, para, preparando o caminho no deserto (cf. Mc 1,3; Lc 3,4) da altíssima pobreza, pregar a penitência (cf. Is 40,3; Lc 24,47) tanto pelo exemplo quanto pela palavra. Precedido primeiramente pelos dons da graça do alto, enriquecido depois com os méritos de invencível virtude, repleto do espírito (cf. Lc 1,67) de profecia, bem como destinado ao ofício dos Anjos, totalmente inflamado pelo ardor seráfico e, como homem hierárquico, conduzido ao alto pelo carro de fogo (cf. II Rs 2,11), comprova-se de maneira racional que ele veio no espírito e poder de Elias (Lc 1,17). E, por isso, se afirma que na profecia verídica do outro amigo do Esposo (cf. Jo 3,29), o Apóstolo e Evangelista João, ele foi prefigurado, não sem razão, com a semelhança do Anjo que sobe do oriente e que tem o selo do Deus vivo. Pois, à abertura do sexto selo, eu vi — diz João — um outro Anjo que subia do oriente, trazendo o selo do Deus vivo (Ap 6,12; 7,2).⁹⁵

Apesar de tudo, até mesmo o Seráfico Doutor, com toda a sua autoridade e prestígio, foi anatematizado por dominicanos e inclusive por seus confrades, antes de tudo, por seus escritos sobre os estigmas de São Francisco. Em contrapartida, certos franciscanos chegavam a sabotar a devoção a estigmatizados da Ordem dos Pregadores, por acreditarem que se tratava de um privilégio único de seu Fundador (e conseqüentemente da Ordem).⁹⁶ Continuaram as mútuas acusações, hostilidade por parte do clero secular, bem como das Ordens tradicionais (e.g. beneditinos), e processos no Tribunal da Inquisição.

Nessa conjuntura, vale mencionar que multidões comprovaram as marcas dos pregos, inclusive um certo cavaleiro de nome Jerônimo que quis —

95) BOAVENTURA DE BAGNOREGIO. *Legenda maior*, prólogo, I, 3-8 (FF 1021): “Hic etenim quasi stella matutina in medio nebulae, claris vitae micans et doctrinae fulgoribus, sedentes in tenebris et umbra mortis irradiatione praefulgida direxit in lucem et tamquam arcus refulgens inter nebulas gloriae signum in se Dominici foederis repraesentans pacem et salutem evangelizavit hominibus exsistens et ipse angelus verae pacis secundum imitatoriam quoque similitudinem praecursoris destinatus a deo ut viam parans in deserto altissimae paupertatis tam exemplo quam verbo poenitentiam praedicaret. Primum supernae gratiae praeventus donis dehinc virtutis invictae adauctus meritis prophetali quoque repletus spiritu nec non et angelico deputatus officio incendio que seraphico totus ignitus et ut vir hierarchicus curru igneo sursum vectus sicut ex ipsius vitae decursu luculenter apparet rationabiliter comprobatur venisse in spiritu et virtute Eliae. Ideo que alterius amici sponsi apostoli et evangelistae Ioannis vaticinatione veridica sub similitudine angeli ascendentis ab ortu solis signum que Dei vivi habentis adstruitur non immerito designatus. Sub apertione namque sexti sigilli vidi ait Ioannes in Apocalypsi alterum angelum ascendentem ab ortu solis habentem signum dei vivi”.

96) Cf. VAUCHEZ, André. Les stigmates de saint François et leurs détracteurs dans les derniers siècles du Moyen Age. *Mélanges d'archéologie et d'histoire*, v. 80, n. 2, 1968, p. 595-625.

qual novo duvidoso Tomé — tocar com as próprias mãos as chagas do Santo.⁹⁷ De resto, fatos sobrenaturais confirmaram a realidade da estigmatização do *Poverello*, como aquele de um incrédulo cônego acometido por uma praga por duvidar e ridicularizar a realidade daquele milagre. Somente quando acreditou firmemente na veracidade dos estigmas que ele foi curado,⁹⁸ favorecendo também a fé dos que ainda titubeavam.

Entre outros comentários escatológicos por parte do filósofo de Bagnoregio, assinala-se ainda a revelação por parte de um frade menor a respeito da luta de Francisco contra o “grande dragão” (cf. Dn 14,22 [Vg.]) que ameaçava destruir a região de Assis.⁹⁹ Já na *Vida primeira* de Tomás de Celano, o *Poverello* é retratado como *miles Christi*: “Francisco, o fortíssimo cavaleiro de Cristo, percorria cidades e aldeias (cf. Mt 9,35), anunciando o Reino de Deus”.¹⁰⁰ Em oposição à edulcorada representação de Francisco, as suas biografias “estavam, como é normal, centradas na figura do herói”.¹⁰¹ Ora, este heroísmo na santidade é consolidado pela perfeita união do Estigmado com Cristo padecente.

O Assisense, pois, antes de seu encontro com a Trindade Santíssima na glória celeste, passou por atrozes tribulações e dores, e foi como que pregado à Cruz com Cristo (cf. Gl 2,19). No entanto, sem perder o espírito de alegria que o distinguia, começou a cantar, por manter até o fim a fidelidade completa no despojamento desse mundo.¹⁰² Mesmo naquele transe, e prestes a emitir o último suspiro, quis “mostrar que *em tudo era imitador de Cristo* (cf. I Cor 4,16), seu Deus, e amou até o fim os irmãos e filhos que amara desde o princípio”,¹⁰³ não pensando em si, mas exortando seus filhos espirituais à perseverança.

97) Cf. BOAVENTURA DE BAGNOREGIO. *Legenda maior*, cap. XV, 4 (FF 1249).

98) Cf. TOMÁS DE CELANO. *Tratado dos milagres*, VI-VII (FF 832).

99) Cf. BOAVENTURA DE BAGNOREGIO. *Legenda maior*, III, 5 (FF 1056).

100) TOMÁS DE CELANO. *Vida primeira*, I, cap. XV, 36, 1 (FF 382) (cit. completa): “Circuibat proinde fortissimus miles Christi Franciscus civitates et castella non in persuasibilibus humanae sapientiae verbis sed in doctrina et virtute spiritus annuntians regnum Dei praedicans pacem docens salutem et poenitentiam in remissionem peccatorum”.

101) MATURA, Thaddée. Reflexão sobre as referências da identidade franciscana ao longo de oito séculos. *Cadernos de Espiritualidade Franciscana*, v. 32, 2008, p. 56.

102) Cf. TOMÁS DE CELANO. *Vida segunda*, II, cap. CLXII (FF 804-805).

103) Ibid. (FF 806) (grifo nosso): “[U]t ostenderet se Dei sui Christi verum imitatorem in omnibus fratres et filios quos dilexerat a principio in finem dilexit eos”.

Naquele *consummatum est*, o Calvário do Seráfico Pai selou a completa e perfeita união com o Senhor durante a vida: “Chegou, enfim, a sua hora. *Realizados nele todos os mistérios de Cristo*, voou ditosamente para Deus”.¹⁰⁴ Acrescenta ainda Boaventura em sua biografia reconhecida como “oficial”: “Ó homem verdadeiramente cristão que, *com perfeita imitação*, se esforçou por conformar-se, enquanto vivia, ao Cristo vivo; ao morrer, ao Cristo que morria; e morto, ao Cristo morto; e [assim] mereceu ser decorado com expressa semelhança”.¹⁰⁵ Pois bem, tratava-se do auge de sua glorificação, que dispunha o corpo do Santo para o encontro com Deus na Pátria Celeste. Após aquele sublime trânsito para a vida eterna, preanunciada havia dois anos, multidões acorreram para velar suas relíquias e comprovar com os próprios olhos a santidade no píncaro de perfeição.¹⁰⁶

Entre outras analogias, o Assisense agonizante foi comparado a Jó.¹⁰⁷ Mais tarde, na *Carta encíclica de Frei Elias sobre o trânsito de São Francisco* — que visava propagar a notícia da estigmatização, sempre mantida com descrição por Francisco — se encontram as comparações do Santo de Assis a Moisés, João Batista e Elias.¹⁰⁸

Mesmo após o encontro com Aquele que tanto amou em vida, ao ser elevado às Moradas do Pai, foi concedido a Francisco o retorno ao convívio dos homens neste vale de lágrimas, por meio de inúmeras manifestações sobrenaturais. Certa vez, por exemplo, apareceu revestido de dalmática púrpura — pois era diácono — a um de seus filhos, enquanto rezava. Acompanhava-o grande multidão de bem-aventurados. Alguns deles então interpelaram aquele piedoso frade:

“Ó irmão, por acaso não é este o Cristo (cf. Jo 7,26)?” E ele dizia: “É ele mesmo (cf. Mt 26,48)”. E outros perguntavam por sua vez, dizendo: “Por acaso não é este São Francisco?” O irmão respondia igualmente que era. Na

104) *Ibid.*, cap. CLXIII, 11 (FF 810): “Venit igitur hora et cunctis in eum Christi completis mysteriis feliciter volavit ad Deum”.

105) BOAVENTURA DE BAGNOREGIO. *Legenda maior*, XIV, 4 (FF 1240; grifo nosso): “O vere christianissimum virum qui et vivens Christo viventi et moriens morienti et mortuus mortuo perfecta esse studuit imitatione conformis et expressa promeruit similitudine decorari!”.

106) Cf. TOMÁS DE CELANO. *Vida segunda*, II, cap. CLXII (FF 804).

107) Cf. BOAVENTURA DE BAGNOREGIO. *Legenda maior*, XIV, 2 (FF 1238).

108) Cf. ELIAS, Frei. *Carta encíclica sobre o trânsito de São Francisco*, II-III (FF 306-307).

verdade, parecia ao irmão e à multidão de todos que o acompanhavam que a pessoa de Cristo e a do bem-aventurado Francisco eram uma só.¹⁰⁹

Ou seja, era tal a configuração de Francisco com Cristo e de Cristo com Francisco, que mal se distinguia quem era um e quem era outro: *Ubi Christus, ibi Franciscus; ubi Franciscus, ibi Christus*.

O *Poverello* de Assis foi elevado à glória dos altares por Gregório IX menos de dois anos após a morte. A própria bula de canonização está repleta de referências espirituais do “Esposo da Senhora Pobreza” às Sagradas Escrituras, como que ratificando este tipo de leitura espiritual. Apenas para citar um exemplo:

Eis o Senhor que, enquanto destruía a terra com a água do dilúvio, guiou o justo em uma desprezível arca de madeira (Sb 10,4), não permitindo que a vara dos pecadores prevalecesse sobre a sorte dos justos (Sl 124,3), na hora undécima suscitou seu servo o bem-aventurado Francisco, homem verdadeiramente segundo o seu coração (cf. I Sm 13,14), lâmpada desprezada no pensamento dos ricos, mas preparada para o tempo estabelecido, mandando-o para a sua vinha para que arrancasse os seus espinhos e espinheiros, depois de ter aniquilado os filisteus que a estavam assaltando, iluminando a pátria, e para que a reconciliasse com Deus, admoestando com assídua exortação (cf. Jz 15,15).¹¹⁰

Em seguida o Santo é comparado com Sansão, “por ter despedaçado os laços do mundo”, além de que

imitou os exemplos de nosso pai Abraão, saindo espiritualmente de sua terra, de sua parentela e da casa de seu pai, para ir para a terra que o Senhor lhe havia mostrado com sua divina inspiração (Gn 12,1). Para correr mais rapidamente para o prêmio da vocação celeste (Fl 3,34) e poder entrar mais facilmente pela porta estreita (Mt 7,15), deixou a bagagem das riquezas terrenas, conformando-se com Aquele que, de rico que era, fez-se pobre por

109) TOMÁS DE CELANO. *Vida segunda*, II, cap. CLXV, 3-4 (FF 804).

110) GREGÓRIO IX. *Mira circa nos*, 16/7/1228, I (*Bullarium Franciscanum*, I, 42b): “Ecce in hora undecima Dominus, qui cum Diluvii aqua terram deleteret, Justum per lignum contemptibilem gubernavit; super fortem justorum virgam peccantium non relinquens, excitavit servum suum Beatum Franciscum virum utique secundum cor suum, apud cogitationes divitum lampadem quidem contemptam, sed paratam ad tempus statutum illam in vineam suam mittens, ut ex ipsa spinas, et vepres evelleret, prostratis illam impugnantibus Philisthaeis illuminando Patriam, et reconciliaret Deo exhortatione sedula commoendo”.

nós, distribuiu-as, deu-as aos pobres (II Cor 8,9), para que assim sua justiça perdurasse para sempre (Sl 111,9).¹¹¹

Bartolomeu de Pisa é prolixo em relacionar diversas conformidades bíblicas entre o varão angélico Francisco (*vir angelicus*¹¹²) e Cristo no *De conformitate vitae*. Embora não se ignore a opinião de certos historiadores, quando desqualificam este escrito por seus “exageros”, por ser “uma obra de devoção medíocre”¹¹³ ou até mesmo por seu “esoterismo”,¹¹⁴ é impossível negar o seu valor histórico e hermenêutico acerca da estima que os franciscanos (observantes) nutriam por seu Pai e Fundador quase dois séculos após o trânsito do *Poverello*. Vale notar que a obra foi recentemente considerada um verdadeiro “tratado teológico de Cristologia”.¹¹⁵

A obra do Pisano foi, porém, objeto de crítica até de Lutero e seus seguidores, por supostamente igualar o Santo ao Filho de Deus. Ademais, o heresiarca era refratário ao caráter sobrenatural do milagre do Monte Alverne (estigmatização) e até mesmo à sua realidade.¹¹⁶ Jansenistas também seguiram esta corrente ideológica.¹¹⁷

Apesar de tudo, é inegável a importância do escrito, pois foi aprovado oficialmente pelo capítulo geral da Ordem em 1399, permitindo sua cópia e uso,

111) Ibid., III (*Bullarium Franciscanum*, I, 43a): “Hic denique Patris nostri Abrahae imitatus vestigia, mente de terra, et cognatione sua, nec non Domo Patris ejus egrediens: iturus in terram, quam sibi Dominus, et divina inspiratione monstrarat; ut expeditus curreret ad bravium vocationis coelestis; et per angustam portam posset facilius introire; sarcinam terrenaе substantiae deposuit, se Illi conformans, qui cum dives esset, pro nobis factus est pauper, eamque dispersit, dedit pauperibus, ut sic ejus justitia in saeculum saeculi permaneret”.

112) BARTOLOMEU DE PISA. *De conformitate vitae beati Francisci ad vitam domini Iesu*, prólogo 1 (*Analecta Franciscana*, 1906, v. 4, p. 2). N.B. Esta expressão é também utilizada por São Boaventura (*Legenda maior*, XIII, 1 [FF 1222]).

113) LE GOFF, Jacques. *Saint François d'Assise*. Paris: Gallimard, 1999, p. 44. N.B.: Entre outras razões, como vimos, por não seguir o modelo da historiografia contemporânea.

114) Cf. e.g. P. ZAHNER, apud MATURA, Thaddée. Reflexão sobre as referências da identidade franciscana ao longo de oito séculos. *Cadernos de Espiritualidade Franciscana*, v. 32, 2008, p. 57.

115) McMICHAEL, Steven J. The Theme of Resurrection in On the Conformities of the Life of Blessed Francis with the Life of the Lord Jesus. In: CUSATO, Michael F.; JOHNSON, Timothy J.; McMICHAEL, Steven J. (ed.). *Ordo et Sanctitas: The Franciscan Spiritual Journey in Theology and Hagiography*. Leiden: Brill, 2017, p. 272.

116) Cf. VAUCHEZ, André. Les stigmates de saint François et leurs détracteurs dans les derniers siècles du Moyen Age. *Mélanges d'archéologie et d'histoire*, v. 80, n. 2, 1968, p. 625.

117) Cf. ERICKSON, C. Bartholomew of Pisa, Francis exalted: De conformitate. *Mediaeval Studies*, v. 34, 1972, p. 253-274.

recebendo depois várias edições no século XVI, tanto entre os Observantes quanto entre os Conventuais.¹¹⁸

Ninguém ignora, contudo, o marcante recurso alegórico nas comparações de Bartolomeu. Seja como for, a obra do Pisano não tinha objetivos exegeticos — embora o autor demonstre grande conhecimento bíblico¹¹⁹ —, sobretudo se a analisarmos com olhos historiográficos modernos. Pelo contrário, apontava no sentido de involucrar o Santo pelas passagens da Escritura, de modo a retratá-lo com riqueza de atributos, como aliás já tinham feito vários autores no século XIII, como São Boaventura na *Legenda maior* (frequentemente citada nas *Conformidades*).

Dessa maneira, as comparações de Bartolomeu favoreciam na alma do frade o amor a seu Fundador em sua *imitatio Christi*, de forma a beneficiá-lo no cumprimento do próprio carisma. A razão teológica é simples: o Deus que Se encarnou em Jesus Cristo foi o mesmo que deu a graça ao Santo para O imitar, bem como a inspiração aos seus filhos para O seguir. O louvor a Francisco não era feito em detrimento da adoração a Nosso Senhor; antes, esta se dava tanto mais quanto mais se louvava o Santo. A razão é que esta exaltação vinha necessariamente acompanhada da mensagem contida em seu fundo de quadro, sobretudo no tocante ao modelo de vida como veículo para melhor seguir a Jesus. Donde a santidade de Francisco ser ressaltada pela conformidade com Cristo.

Entre as comparações de cunho espiritual na enciclopédica obra de Bartolomeu de Pisa, podemos citar: assim como Cristo foi prefigurado pelos justos do Antigo e Novo Testamentos, assim também o foi o Santo de Assis, numa enorme lista de comparações como, por exemplo, pelo domínio das criaturas como o de Adão, pela pureza como a de Abel, pela paciência como a de Moisés, pela humildade como a de Davi, pelo fervor como o de Pedro, pelo amor como o de João a Cristo, etc., e por fim pela própria imitação e conservação dos preceitos divinos e conselhos de Jesus no Evangelho.¹²⁰ Em seguida, o autor interpreta as Escrituras de modo espiritual, aplicando ao Santo inúmeras citações bíblicas, como por exemplo:

118) Cf. SHORT, William J. Early Franciscan Sources and Joachite Prophetic Sources in the Book of Conformities. In: CUSATO, Michael F.; JOHNSON, Timothy J.; MCMICHAEL, Steven J. (ed.). *Ordo et Sanctitas: The Franciscan Spiritual Journey in Theology and Hagiography*. Leiden: Brill, 2017, p. 251-254.

119) Cf. FLEMING, John V. *An Introduction to the Franciscan Literature of the Middle Ages*. Chicago: Franciscan Herald Press, 1977, p. 68.

120) Cf. BARTOLOMEU DE PISA. *De conformitate vitae beati Francisci ad vitam domini Iesu*, fruto I, parte 2.2 (Analecta Franciscana, 1906, v. 4, p. 33-34).

1. “Os israelitas foram fecundos e se multiplicaram” (Ex 1,7): pela fecundidade de sua obra.
2. “Grita a plenos pulmões, não te contenhas, levanta tua voz como trombeta e faz ver ao meu povo a sua transgressão” (Is 58,1): pela sua pregação, em especial, da penitência.
3. “Não aconteça gloriar-me senão na Cruz de nosso Senhor Jesus Cristo” (Gl 6,14): pela sua meditação em relação à Cruz, não conhecendo senão Cristo pobre e crucificado.
4. Pedro prefigurava Francisco quando disse “nem ouro nem prata posuo” (At 3,6): por seu desprezo dos bens materiais.
5. “Trago em meu corpo as marcas de Jesus” (Gl 6,17): pelos estigmas.
6. Abraão o prefigurou quando libertou os prisioneiros (cf. Gn 14,14): porque o *Poverello* libertou muitas almas do purgatório.
7. Foi também prefigurado por José em sua glorificação: “Tu serás o administrador do meu palácio” (Gn 41,40).¹²¹

O Pisano conclui esta parte explicando: “Daí fica claro que pelos atos de sua vida São Francisco pode se dizer que foi prefigurado no Antigo e no Novo Testamentos, embora tenham sido inseridas [no texto] poucas (*sic*) figuras de ambos testamentos”.¹²²

O *De conformitate vitae* continua salientando a configuração entre a vida do *Poverello* e a de Cristo através de quarenta comparações. Todavia, faltava ainda um paralelo importante com a vida do Redentor, aquele evento sem o qual nossa fé seria vã (cf. I Cor 5,14), a saber, a Ressurreição. E o autor pisano não exclui este aspecto pouco tratado nas hagiografias precedentes, mais focadas, como sabemos, na mimese da Paixão nos Estigmas do Santo. De qualquer forma, podemos afirmar que Francisco também teria ressuscitado? Na realidade, Bartolomeu explica que a Ressurreição do Senhor é simbolizada por Francisco em seu glorioso estado no Paraíso, ao portar o estandarte da Ressurreição, convidando a todos, desta forma, a imitar o Senhor também das alturas elevadas da Pátria Celeste.¹²³

121) Cf. *ibid.*, p. 34-40.

122) Cf. *ibid.*, p. 40.

123) Cf. McMICHAEL, Steven J. The Theme of Resurrection in On the Conformities of the Life of Blessed Francis with the Life of the Lord Jesus. In: CUSATO, Michael F.; JOHNSON, Timothy J.; McMICHAEL, Steven J. (ed.). *Ordo et Sanctitas: The Franciscan Spiritual Journey in Theology and Hagiography*. Leiden: Brill, 2017, p. 289.

6. Existe uma imitatio Francisci?

Acabamos de analisar uma faceta pouco explorada nas abordagens hodiernas sobre o Santo de Assis, ou seja, a providencialidade de sua vocação, num contexto de reconhecimento de seus atributos de virtude, como exemplo de *sequela Christi*. Muitas de suas hagiografias o representavam antes de tudo como ideal de santidade a ser seguido. No fundo, o franciscano seria efetivamente santo se de fato imitasse seu Fundador, considerado por ele mesmo como perfeito imitador de Cristo. Mais uma vez recorreremos ao Seráfico Doutor para nos indicar a chave sobre esse assunto:

Concluimos com fê indubitável que o servo de Deus, Francisco, foi este arauto de Deus, digno de ser amado por Cristo, imitado por nós e admirado pelo mundo, se percebermos nele o ápice da extraordinária santidade pela qual, vivendo no meio dos homens, foi imitador da pureza dos Anjos e pela qual também foi colocado como exemplo para os perfeitos seguidores de Cristo.¹²⁴

As comparações de ordem espiritual não se limitavam a relacionar o Santo de Assis com Cristo. São Luís IX, rei de França e terciário franciscano, foi comparado ao próprio São Francisco de diversos modos. Por exemplo, nos ofícios o monarca era intitulado “*Francorum Rex magnificus, Ludovicus vir celicus*” como paralelo a São Francisco: “*Franciscus vir catholicus: et totus apostolicus*”. Já a sua batalha contra os sarracenos era comparada à luta do *Poverello* contra o pai para se entregar a Deus. A cruzada para Luís e os estigmas para Francisco “eram ambos entendidos num sentido metafísico (articulado por Boaventura) como momentos místicos de unificação apaixonada — isto é, um co-sofrimento (*compassio*) — com Cristo”.¹²⁵ As comparações se alargavam para outros feitos, como o fato de que ambos saíam para alimentar os leprosos, construíam igrejas e serviam os pobres com generosidade e compaixão.¹²⁶ Nesse sentido, comenta ainda Gaposchkin:

124) BOAVENTURA DE BAGNOREGIO. *Legenda maior*, prol., 2, 1 (FF 1022): “Hunc Dei nuntium amabilem Christo imitabilem nobis et admirabilem mundo servum dei fuisse Franciscum indubitabili fide colligimus si culmen in eo eximiae sanctitatis advertimus qua inter homines vivens imitator fuit puritatis angelicae qua et positus est perfectis Christi sectatoribus in exemplum”.

125) GAPOSCHKIN, Marianne Cecilia. Louis IX and Liturgical Memory. In: BRENNER, Elma; COHEN, Meredith; FRANKLIN-BROWN, Mary (ed.). *Memory and Commemoration in Medieval Culture*. Farnham: Taylor and Francis, 2013, p. 274.

126) Cf. *ibid.*, p. 273-274.

Em suma, isso constituía uma espécie de *imitatio* de Francisco, da mesma forma que, por volta do ano 1300, Francisco foi sendo explicitamente entendido como um *alter Christus* na linguagem da *imitatio*. Depois que Boaventura escrevera a vida oficial de Francisco, a noção de *imitatio* tornou-se central para a compreensão franciscana de santidade e identidade espiritual, e na virada do século XIV, a vida de Francisco era primariamente definida como uma *imitatio Christi*, uma reedição, e portanto um cumprimento da virtude essencial da vida de Cristo. *Portanto, Luís imitou a Francisco da mesma maneira que Francisco imitou a Cristo.*¹²⁷

De fato, a partir do começo do século XIV, o Santo de Assis passou a ser aclamado como “segundo Cristo” (*alter Christus*), num perfeito cumprimento da *imitatio Christi*.¹²⁸ Battista Alfani fala explicitamente no capítulo 36 de sua obra sobre Santa Clara que ela “antes de morrer, escreveu seu testamento para imitar seu pai São Francisco”.¹²⁹ Ora, nesse documento se delineou a via a ser empreendida pelas seguidoras do *Poverello*: “O Filho de Deus fez-Se para nós o Caminho (cf. Jo 14,6; I Tm 4,12), e este nos mostrou e ensinou por palavra e exemplo o nosso beatíssimo pai Francisco, verdadeiro amante e imitador d’Ele”.¹³⁰ Mais adiante, tece palavras de elogio a seu mestre como imitador das pegadas de Cristo, insigne modelo e exemplo para ser seguido no tocante à pobreza.¹³¹

Tal concepção de louvor ao Santo se transpôs para a iconografia de modo preeminente. A compreensão de Francisco como *alter Christus* foi transferida e desenvolvida progressivamente em suas representações pictóricas, em particular quando traçavam a sua estigmatização. Apenas para mencionar um exemplo: as pinturas antigas tendiam a representar os estigmas com pouco

127) *Ibid.*, p. 274 (grifo nosso): “In all, this constituted a kind of *imitatio* of Francis, in the same way that, around the year 1300, Francis was being explicitly understood as an *alter Christus* in the language of *imitatio*. After Bonaventure’s writing of the official life of Francis, the notion of *imitatio* had become central to the Franciscan understanding of sanctity and spiritual identity, and by the turn of the fourteenth century, Francis’s life was primarily defined as an *imitatio Christi*, a re-enactment and thus a fulfilment of the essential virtue of Christ’s life. Louis thus imitated Francis in much the same way that Francis imitated Christ”.

128) Cf. VAN OS, Henk W. St. Francis of Assisi as a Second Christ in Early Italian Painting. *Simiolus: Netherlands Quarterly for the History of Art*, v. 7, n. 3, 1974, p. 115.

129) ALFANI, Battista. Vida e legenda da seráfica virgem Santa Clara, cap. XXXVI. In: DALARUN, Jacques; LE HUËROU, Armelle (ed.). *Claire d’Assise: Écrits, vie, documents*. Paris: Cerf, 2013, p. 774 (grifo nosso).

130) CLARA DE ASSIS. *Testamento*, v. 5 (FFI 2824): “Factus est nobis Filius Dei via (cf. Jo 14,6), quam verbo et exemplo ostendit et docuit nos beatissimus pater noster Franciscus, verus amator et imitator ipsius”.

131) Cf. *ibid.*, v. 36.46 (FFI 2837.2841).

sangue (ver figura 1); já as posteriores os representavam com mais tinta,¹³² ou ainda inseriam o Santo no Calvário junto com o Crucificado (ver figura 2), numa mimese com a Paixão Redentora.



Figura 1 - Estigmatização de São Francisco, por Giotto (ca. 1300) – Museu do Louvre, Paris

As pinturas antigas de Santa Clara de Assis também tendiam a identificá-la com Maria, colocando-a, por exemplo, como analogia à Virgem ao pé da Cruz de Cristo, ou chorando diante do corpo de Francisco, numa mimese de Maria e Jesus, respectivamente (como se percebe, por exemplo, pelo famoso afresco encontrado na Basílica de São Francisco de Assis; ver figura 3).¹³³

132) Cf. HILLER, Diana. Sainly Blood: Absence, Presence, and the alter Christus. *Parergon*, v. 32, 2015, p. 201.

133) Cf. MOONEY, Catherine M. *Imitatio Christi or Imitatio Mariae? Clare of Assisi and Her Interpreters*. In: idem (ed.). *Gendered Voices: Medieval Saints and Their Interpreters*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1999, p. 75-76.

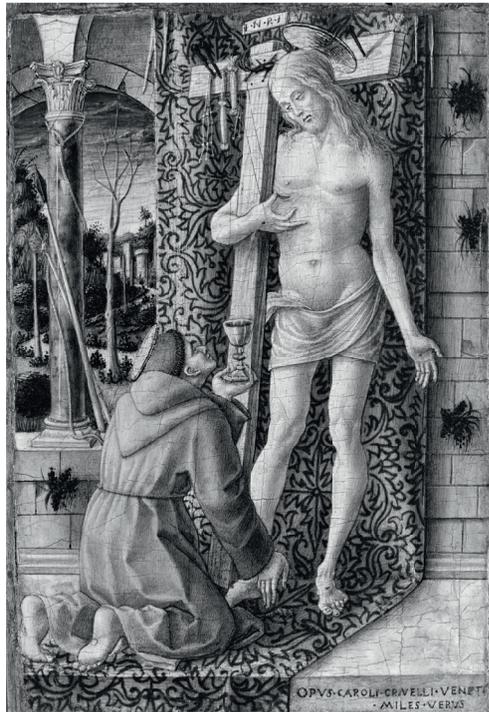


Figura 2 - São Francisco coletando o sangue de Cristo, por Carlo Crivelli (ca. 1500) – Museu Poldi Pezzoli, Milão

Ademais, analogicamente, assim como Francisco é *alter Christus*, a sua discípula perfeita, Clara de Assis, é identificada como *altera Maria*, entre outras razões, por imitar de modo eminente a seu pai espiritual. Nesse sentido, no hino *Concinat plebs fidelium*, escrito pelo Papa Alexandre IV (†1261), a mais famosa filha espiritual do *Poverello* é chamada de “vestígio da Mãe de Cristo” e as irmãs de São Damiano não hesitaram em proclamá-la como tal: “as mulheres imitam a Clara, imagem da Mãe de Deus, nova guia das mulheres”.¹³⁴

O círculo de imitação de Cristo por inspiração das Sagradas Escrituras se torna ainda mais alargado por sua transposição nos santos, “pedras vivas” da Igreja e fundamento palpável e acessível da própria vida de Jesus. Os biógrafos de Clara de Assis exortam a imitá-la; já a Santa convida suas discípulas a imitar Francisco; enquanto que este aponta para a *sequela Christi*. Por

134) TOMÁS DE CELANO. *Legenda de Santa Clara*, carta de introdução ao Papa Alexandre IV (FF 3153).

outro lado, este seguimento nada mais era do que o imitar pela vida, conforme a exortação que consta na *Última vontade escrita para Santa Clara*: “Eu, Frei Francisco pequenino, quero seguir a vida e a pobreza de nosso Altíssimo Senhor Jesus Cristo e de sua Mãe Santíssima e perseverar nela até o fim; e rogo-vos, senhoras minhas, e dou-vos o conselho para que vivais sempre nesta santíssima vida e pobreza”.¹³⁵ Já os biógrafos de Francisco convidam a imitá-lo junto com Cristo, enquanto que este nos inspira a imitar os seus santos...

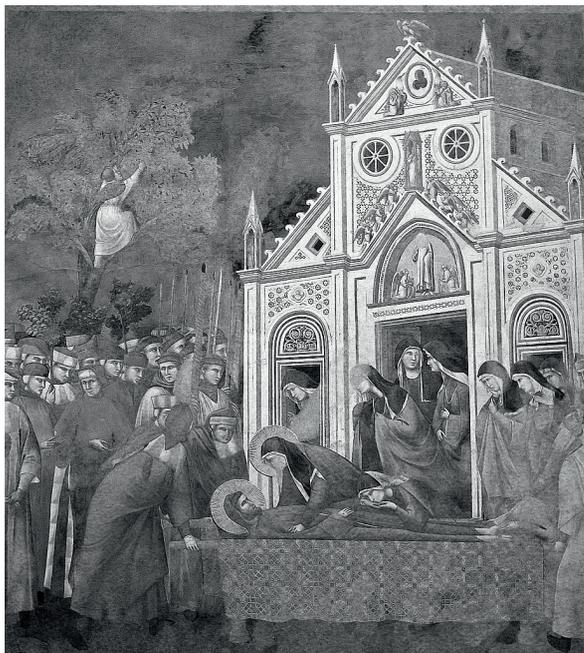


Figura 3 - Santa Clara chorando sobre São Francisco por Giotto (ca. 1300) – Basílica de São Francisco, Assis

Como se percebe, a santidade é radiante. É como uma espécie de galeria de espelhos que reflete as mais variadas virtudes, sempre iluminadas do alto por Cristo, Luz do mundo. Não importa a ordem e a quantidade de reflexos, pois o heroísmo da santidade tem variegadas facetas. A razão é simples: o Espírito Santo sopra quando quer, onde quer, do modo que quer e a *quem* quer.

135) FRANCISCO DE ASSIS. *Última vontade escrita para Santa Clara*, n. 1-2 (FF 140): “Ego frater Franciscus parvulus volo sequi vitam et paupertatem altissimi Domini nostri Jesu Christi et eius sanctissimae matris et perseverare in ea usque in finem; et rogo vos, dominas meas, et consilium do vobis, ut in ista sanctissima vita et paupertate semper vivatis”.

Conclusão

Quando recorremos aos atributos divinos para compreender melhor a inefável natureza de Deus, visamos conhecê-Lo de modo mais perfeito. No que diz respeito aos santos, a concepção acerca de suas biografias também só pode encontrar sua máxima expressão quando configurada com Aquele a quem imitaram, isto é, Jesus Cristo. Ora, isso ocorre somente quando analisamos detidamente suas virtudes à maneira do estudo teológico das propriedades divinas.

Para o homem contemporâneo, tão acostumado ao pragmatismo, poderiam parecer descabidas essas analogias entre Criador e criatura. Eventualmente, seriam hoje julgadas como abusos de “culto à personalidade”. Contudo, analisa-se este cabedal de relações simbólicas em clave sobrenatural, sem excluir, é claro, um vincado fundamento na vida concreta. Tais comparações visavam, em última instância, oferecer elementos para uma apreensão mais perfeita da vida do Santo e estimular seus devotos a imitá-lo como ele mesmo imitou seu Supremo Modelo. Ao contrário do que pensaram Lutero e seus sequazes, o santo não substitui a Cristo; antes, é um canal acessível e eficaz para d’Ele se aproximar e n’Ele se transformar.

Com efeito, no alvorecer no século XIII, despontou aquele jovem intrépido, revestido de insignes dons e cumulado de supernas graças da Providência, despertando a admiração do mundo por esculpir em sua própria alma a face do Redentor. Convidava ele, pelo simples exemplo de vida evangélica, a seguir os passos do Divino Mestre.

Conforme suas fontes biográficas primitivas, Francisco imitou de modo inigualável a Cristo a quem tanto amara. Por certo, ao contrário de algumas de suas representações distorcidas, o Santo de Assis certamente não foi aquela figura pusilânime que encontramos tantas vezes retratada hoje em dia.

Isso considerado, é difícil sustentar que o Assisense teria sido uma espécie de fundador do *hippismo*, quando recordamos seu amor pela Cavalaria e seu alistamento nas Cruzadas. Além disso, como sabemos, sem a virtude da fortaleza ninguém pode ser considerado santo.

É difícil, ademais, coadunar certas representações pictóricas de um Francisco dotado de fisionomia inexpressiva e trejeitos singulares com as características firmes e íntegras daquele que realmente lutou contra a perseguição da família e desejava a todo custo conquistar, como *miles Christi*, a palma do martírio.

Mais ainda, é difícil ter uma noção puramente humana do *Poverello* — uma espécie de ativista social ou protetor dos animais — quando na realida-

de ele imitou a Cristo Redentor da humanidade, como um verdadeiro “anjo” enviado da Providência para restaurar o mundo das trevas de seu tempo.

É deveras difícil imaginar um Francisco numa falsa humildade, equivalente a aviltamento e mediocridade, quando ele mesmo se sentia autenticamente configurado com Cristo e convidava a seus discípulos a imitá-lo.

Em suma, é impossível não ver no Estigmado de Assis um *alter Christus*, bem como um varão de santidade inigualável, comparado a tantos justos do Antigo e do Novo Testamentos, revestido de inúmeros milagres em vida e na Pátria Celeste.

Por fim, com muita razão e um toque de poesia poderíamos resumir com Chesterton: “Se São Francisco era como Cristo, Cristo era, na mesma medida, como São Francisco”.¹³⁶ Ainda hoje, pois, o autêntico Francisco nos convida a sermos como o verdadeiro Cristo pelo seu exemplo.

136) CHESTERTON, Gilbert Keith. *St. Francis of Assisi*. Garden City: Image Books, 1957, p. 117: “If St. Francis was like Christ, Christ was to that extent like St. Francis”.